
BIBLIOTECA ESCOLAR INCLUSIVA: Análise acerca do transtorno do espectro autista

Inclusive school library: analysis about autistic spectrum disorder

Renata Kelly Oliveira Sampaio (1), Gabriela Belmont de Farias (2)

(1) Colégio Master de Fortaleza, Brasil, sampaio.renatakelly@gmail.com (2) Universidade Federal do Ceará, Brasil, gabibfarias@gmail.com

Resumo:

O crescimento vertiginoso de pessoas autistas origina desafios para a sociedade como um todo e, a biblioteca escolar não poderia se eximir de tais responsabilidades. No Brasil, os dados referentes ao autismo serão revelados pela primeira vez no Censo 2020, pois o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística estão realizando o levantamento do censo voltado para este público. O artigo apresenta uma análise sistemática realizada na produção científica da Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre a temática - o transtorno do espectro autista e a atuação da biblioteca escolar. Com intuito de identificar as ações inclusivas que podem ser propostas na biblioteca para a inclusão destes alunos. O percurso metodológico utilizado foi à revisão sistemática da literatura de 17 artigos recuperados na Base de Dados em Ciência da Informação, para a análise dos dados foi utilizado o método da análise temática. Os resultados apontaram uma carência de publicações sobre transtorno do espectro autista na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Constatamos que a inclusão desses alunos é um campo riquíssimo e desafiador para investigações futuras. As tecnologias assistivas, recursos lúdicos e a educação continuada do bibliotecário são grandes aliadas para uma biblioteca escolar inclusiva.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Biblioteca Escolar. Biblioteca Inclusiva. Tecnologia Assistiva. Atuação Bibliotecária.

Abstract:

The dizzying growth of autistic people poses challenges for society as a whole and the school library could not be exempt from such responsibilities. In Brazil, data related to autism will be revealed for the first time in the 2020 Census, as the Brazilian Institute of Geography and Statistics is conducting a survey of the census aimed at this audience. The article presents a systematic analysis carried out in the scientific production of the area of Library and Information Science on the subject - the autistic spectrum disorder and the performance of the school library. In order to identify the inclusive actions that could be proposed by the library for the inclusion of these students. The methodological approach used was to systematically review the literature of 17 articles retrieved from the Information Science Database, for the analysis of the data, the thematic analysis method was used. The results pointed to a lack of publications on autism spectrum disorder in the area of Library Science and Information Science. We found that the inclusion of

these students is a very rich and challenging field for future investigations. The assistive technologies, ludic resources and the continuing education of the librarian are great allies for an inclusive school library.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder. School Library. Inclusive Library. Assistive Technology. Librarian Performance.

1 Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem sendo objeto de pesquisa há décadas, na área da saúde, mais especificamente, a psiquiatria, de forma pioneira vem se debruçando sobre este fenômeno com o objetivo de apresentar soluções, encontrar respostas e, realizar uma intervenção precoce com a finalidade de evitar ao máximo o comprometimento significativo do paciente. Com a sua etiologia ainda não identificada, o TEA vem crescendo de forma considerável. A prevalência mundial, de acordo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é de que, para cada 160 crianças, uma, está dentro do Transtorno do Espectro Autista.

Uma pesquisa publicada pelo *Center for Disease Control and Prevention* (Centro de Controle e Prevenção de Doenças - CDC) revelou que cerca de 1 em 6 crianças com idades entre 3-17 anos foram diagnosticadas com deficiência de desenvolvimento, havendo de um em cada 59 crianças com espectro autista nos Estados Unidos. No Brasil, não temos uma estimativa oficial, pois o censo populacional brasileiro realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) adotará pela primeira vez a coleta de dados do perfil autista no Censo de 2020 tendo como base a Lei 13.861/2019 (Brasil 2019).

As três principais indicações comportamentais que caracterizam o TEA são o “comprometimento na comunicação, na interação social e atividades restritas e estereotipadas” (Cunha 2016. p.23). O TEA não se caracteriza por ser uma doença e sim um espectro, logo, não é possível generalizar e afirmar que quem possui o espectro tem que fazer uso de medicamentos para “ser curado”. O autismo é uma condição neurológica, ou seja, os autistas são neurologicamente atípicos, as pessoas que não estão dentro do espectro são típicas.

Para fins protetivos, o TEA é amparado pela Lei dos deficientes nº12.764/12 (Brasil 2012), especificamente pelos artigos 1 e 2, o art.7, que expõem a punição para gestores escolares ou autoridades competentes que recusarem a matrícula de pessoas deficientes ou com TEA na

escola. A biblioteca escolar como parte integrante do sistema educacional deve ter iniciativas inclusivas para inserir alunos com TEA e outros tipo de deficiência, cada um dentro da sua particularidade compõe o todo da escola.

A Lei nº 12.244/2010 dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, por direito o acesso à biblioteca escola até 2020. Logo, o bibliotecário, o deficiente e o autista estarão no mesmo ambiente - a biblioteca escolar. O bibliotecário escolar enquanto educador tem a grande missão de incluir esses alunos nas atividades desenvolvidas pela biblioteca. O desafio de se reinventar e buscar estratégias que alcance esse público, é complexo a depender do nível do diagnóstico.

Neste artigo delineamos a análise sistemática realizada na produção científica da Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre a temática “O transtorno do espectro autista e a atuação da biblioteca escolar”. Com intuito de identificar as ações inclusivas que podem ser propostas na biblioteca para a inclusão destes alunos. O percurso metodológico utilizado foi à revisão sistemática da literatura de 17 artigos recuperados na Base de Dados em Ciência da Informação, para a análise dos dados foi utilizado o método da análise temática.

2 Neurodiversidade e transtorno do espectro autista

O TEA vem sendo cerne de pesquisas desde o século XIX. Entretanto, somente em 1911 o psiquiatra suíço Eugen Bleuler veio a usar, de forma incipiente e generalista, o termo autismo “para descrever a fuga da realidade e o retraimento para o mundo interior dos pacientes adultos acometidos de esquizofrenia” (Ferrari 2007 p.5). No artigo ‘Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral’ de autoria de Klin (2006) há uma descrição das descobertas do psiquiatra norte-americano Leo Kanner que, após uma pesquisa realizada com crianças, diagnosticou o autismo infantil precoce, distinguindo assim, a esquizofrenia infantil do autismo infantil. Leo Kanner pontuou características clínicas pertinentes para o diagnóstico, tais quais estão descritas no Quadro 1:

Quadro 1 - Características Clínicas do Autismo Infantil

CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS	EXEMPLOS
Retraimento autístico	Introspecção exacerbada, pouca ou quase nenhuma interação.
Necessidade de imutabilidade	Apego excessivo a rotina demonstrando irritabilidade atípica quando necessária alteração.
Esteriotipias	Movimento corporal repetido ao longo do dia podendo ser os dedos diante dos olhos, mãos batendo asas, dentre outros.
Distúrbios da linguagem	Inversão do pronome pessoal utilizando a 2 ^a ou 3 ^a pessoa para referir a si; repetição ecológica, em momentos variados do dia a criança reproduz alguma fala de um filme, desenho animado ou outra pessoa imitando inclusive a tonalidade vocal; idiosincrasia
Inteligência	Na pesquisa de E.R. Ritvo e B.J. Freemann, o quociente intelectual (QI) das crianças se distribuía do seguinte modo: para a maioria delas, era inferior a 50; para um quarto, entre 50 e 70; e para outro Restante, acima de 70. O caso de adulto autista com desempenho intelectual extraordinário, retratado no filme <i>Rain Man</i> , permanece. Portanto, desse ponto de vista, muito raro.
Desenvolvimento físico	Em sua maioria, permanecem com o desenvolvimento físico sem comprometimento, alguns.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das informações de Ferrari (2007 p.5)

Essas seis características observadas no Quadro 1, são levadas em consideração ainda hoje, como parâmetro para diagnosticar clinicamente pessoas dentro do espectro autista. Como se trata de um espectro, possivelmente, essas características podem variar. Mas, de modo geral, as pessoas com TEA apresentam déficit na interação social, chegando ao isolamento social nos casos mais severos; o apego à rotina, principalmente na infância, também é uma característica observada; as estereotipias são movimentos corporais repetitivos que cumprem, em alguns casos, a função de regulação de ideias ou ajuste a situações que podem gerar crise emocional, resultando em autoagressões ou agressões a terceiros. Já em outros casos, pode cumprir a função de representar uma grande alegria. A estereotipia também funciona como uma espécie de memória dos momentos alegres, sua principal função é reorganizar os pensamentos e emoções. A estereotipia mais comum é o *flapping*, que são os movimentos de balançar as mãos, e o *rocking*, onde se move o tronco para frente e para trás.

Distúrbios na fala e apraxia da fala também estão associados ao TEA, na apraxia da fala a criança tem a ideia do que quer falar, mas não consegue se expressar. Durante algum tempo, existiu o mito de que pessoas autistas eram superdotadas, geniais e extremamente habilidosas. No entanto, hoje sabemos que a porcentagem de autistas de alto funcionamento é mínima. Quanto ao desenvolvimento físico, alguns têm déficits motores, chegando a se locomover com bastante dificuldade.

Destacamos a necessidade dos profissionais e da sociedade observar e identificar os sinais de pessoas e principalmente das crianças que possuem o TEA, pois quanto mais cedo observado e diagnosticado melhor será a convivência na sociedade. Conforme a literatura especializada, observamos alguns sinais do autismo que podem ser identificados ainda na infância, como por exemplo: dificuldade em interagir com outras crianças; utilizar o brinquedo de forma não convencional; podem apresentar sensibilidade a alguns sons, choros ou risadas fora do contexto; ausência ou atraso na fala; apego à rotina e a objetos diferentes dentre outros. Alguns desses sinais foram identificados por meio de uma pesquisa uma síndrome correlacionada com o autismo, que ficou conhecida como síndrome de *Asperger* e durante algum tempo ficou conhecido como Autismo de Alto Funcionamento (AAF) (Surian 2010).

Atualmente, os fatores etiológicos associados por pesquisadores médicos envolvem questões genéticas, neurológicas e alimentares. Hoje, é possível encontramos várias associações, além de fóruns nas redes sociais e canais no *YouTube* para compartilhar informações e experiências e dessa forma se fortalecerem mutuamente sobre o TEA.

2.1 Conceituando o autismo

O termo de origem Grega *αὐτός*, significa “de si mesmo”, foi utilizado pela primeira vez de maneira generalizada, em 1911 pelo psiquiatra Bleuer segundo Klin (2006). O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição (2014) - DSM 5 define autismo como sendo:

[...] O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o

diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Considerando que os sintomas mudam com o desenvolvimento, podendo ser mascarados por mecanismos compensatórios, os critérios diagnósticos podem ser preenchidos com base em informações retrospectivas, embora a apresentação atual deva causar prejuízo significativo. (DSM 5 2014 p. 32 e 33).

O DSM 5 (2014) é um documento publicado pela Associação Psiquiátrica Americana em que os médicos habilitados para diagnosticarem uma criança com TEA, por exemplo, recorrem para buscar orientação. É uma espécie de Classificação Decimal de Dewey ou Classificação Decimal Universal voltado para a Medicina. Nele encontramos a caracterização das síndromes ou transtornos, critério para diagnóstico, procedimento para registros especificadores dentre outros. Ao realizamos a leitura do DSM 5 identificamos que o documento faz uma rápida comparação entre as edições anteriores com a atual, é possível notar avanços significativos para diagnósticos e caracterizações do autismo. Por exemplo, no DSM 1 (1952) era inexistente a presença do autismo, as crianças afetadas por esta patologia eram diagnosticadas com reação ‘esquizofrenia infantil’; no DSM 2 (1968) o autismo foi incluído, entretanto, somente na terceira edição do DSM 3, em 1987, o autismo recebe o nome de Transtorno Autista; em 1994, o DSM 4 adota a nomenclatura de Transtorno Global do Desenvolvimento que recebe cinco divisões, são elas: Transtorno Autista; Transtorno de Asperger; Transtorno de Rett; Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno Global do Desenvolvimento. Em sua quinta edição (usada nesta pesquisa), o autismo está dentro dos transtornos do neurodesenvolvimento, portanto, as cinco categorias passam agora a integrar o TEA. O termo espectro vem a ser integrado com a finalidade de incluir os diferentes níveis de comprometimento e gravidade.

Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro. O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger. (DSM 5 2014 p.53)

Outro documento que norteia os profissionais habilitados para investigarem/diagnosticarem o autismo é a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamentos (CID) pode ser comparada com a Tabela de Cutter da nossa área, a

classificação do autismo é F84 transtornos invasivos do desenvolvimento. É possível encontrar na CID 10 um resumo em separado para cada síndrome que integra a classificação F84:

Esse grupo de transtornos é caracterizado por anormalidades qualitativas em interações sociais recíprocas e em padrões de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Essas anormalidades qualitativas são um aspecto invasivo do funcionamento do indivíduo em todas as situações, embora possam variar em grau. Na maioria dos casos, o desenvolvimento é anormal desde a infância e, com apenas poucas exceções, as condições se manifestam nos primeiros 5 anos de vida. É usual, mas não invariável, haver algum grau de comprometimento cognitivo, mas os transtornos são definidos em termos de comportamento que é desviado à idade mental. (CID 10 1997 p.247)

O TEA apresenta os primeiros sintomas ainda na primeira infância entre 12 a 24 meses, mas por ser um espectro, os sintomas não são iguais para todos. Existem as comorbidades que alguns desenvolvem alterando assim o nível de intensidade das crises, bem como do tratamento. Em linhas gerais as principais características estão no Quadro 2:

Quadro 2 – Características e Sintomas do TEA

CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS
Compartilhamento reduzido de interesses	É comum pessoas que estejam dentro do TEA terem interesses restritos, por exemplo: crianças que gostam de dinossauros e todas as conversas giram em torno desse assunto.
Poderá desenvolver ou não a fala	Alguns autistas têm a comunicação oral comprometida e não desenvolvem a fala. Sendo alguns verbais e outros não verbais.
Dificuldade em interagir com outras pessoas	O déficit na comunicação acarreta dificuldade nas relações interpessoais, alguns autistas preferem o isolamento social quando não são estimulados corretamente.
Ecolalia	Reprodução de forma automática de frases, vídeos ou, até mesmo, filmes inteiros inclusive com a mesma entonação vocal.
Frases idiossincráticas	Para uma comunicação efetiva mínima faz-se necessário um emissor, receptor e a mensagem. A idiossincrasia é mensagem fora de contexto, frases soltas durante um diálogo sem conexões.
Fascinação visual por luzes ou movimentos	É possível alguns autistas desenvolverem interesse por ventilador, luz, ou algum movimento específico de algum brinquedo etc.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das informações de (Gaiato and Teixeira 2018 p.13-33)

Quadro 2 – Características e Sintomas do TEA (continuação)

CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS
Transtorno do Desenvolvimento Intelectual	O indivíduo com TEA pode desenvolver outros quadros clínicos, o que é chamado de comorbidades, e o TDI é um deles. O desenvolvimento intelectual pode ser comprometido.
Ausência de brincadeiras típicas	Para uma criança típica (fora do espectro autista) um carrinho de brinquedo cumpre a função de andar sobre as rodas, uma criança atípica (ou seja, dentro do espectro) pode gostar de brincar apenas com a rodinha do carro.
“Olhar perdido”	Antes mesmo de um ano de idade, pode ser observado, em alguns casos, crianças que não olham para a mãe durante a amamentação ou, ao longo do dia, que a criança tem dificuldade em fixar o olhar no outro.
Insônia	É comum algumas pessoas dentro do TEA sentirem dificuldades para dormir sendo necessário serem tratados com medicamentos, com orientação médica.
Sensibilidade sensorial	A hipersensibilidade ou hiposensibilidade pode manifestar-se no contato com pessoas, tipos de tecidos, água no corpo, sons, dentre outros.
Apego excessivo a rotinas	Dificuldade em cumprir demandas fora da sua rotina diária, podendo gerar crise e estresse.
Estereotipias	Movimentos repetitivos que podem ter a função autorregulatória do indivíduo. Os mais comuns são o corpo para frente e para trás, balançar as mãos, girar objetos, girar em torno de si.
Alguns podem desenvolver altas habilidades	O hiperfoco é uma característica bem presente em autistas. Com isso, alguns conseguem se destacar com excelentes resultados dentro das suas habilidades.
Seletividade Alimentar	Alguns autistas têm dificuldades em inserir novos alimentos devido à textura, sabor, cor, formato e cheiro dos mesmos.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das informações de (Gaiato and Teixeira 2018 p.13-33)

Conforme apresentado no quadro acima existem algumas características comportamentais e cognitivas que podem ser observadas pela família, amigos, professores e tantos outros profissionais. Ainda na infância, crianças abaixo de três anos de idade evidenciam alguns sinais que podem indicar o TEA, como dificuldade em olhar para a mãe durante a amamentação, déficit em balbuciar as primeiras palavras ou sons, e ainda segundo o DSM 5:

Os primeiros sintomas do transtorno do espectro autista frequentemente envolvem atraso no desenvolvimento da linguagem, em geral acompanhado por ausência de interesse social ou interações sociais incomuns (p. ex., puxar as

peças pela mão sem nenhuma tentativa de olhar para elas) padrões estranhos de brincadeiras (p. ex., carregar brinquedos, mas nunca brincar com eles), e padrões incomuns de comunicação (p. ex., conhecer o alfabeto, mas não responder ao próprio nome) (DSM 5 2014 p.56).

O diagnóstico do TEA é clínico. Os profissionais comumente indicados são psiquiatras, neurologistas e neuropediatras. Exames por imagem, sangue e tomografia não são necessários para diagnosticar, salvo em casos em que o médico necessite certificar-se de que o paciente pode desenvolver outras patologias clínicas, ou até mesmo quadros de comorbidades dentro do espectro. Isso ocorre quando o paciente desenvolve condição médica além do TEA (Gaiato and Teixeira 2018). O DSM 5 estabelece pelo menos cinco critérios para diagnosticar uma pessoa dentro do espectro sendo eles:

Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos; Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida). Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente. Essas perturbações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou por atraso global do desenvolvimento. Deficiência intelectual ou transtorno do espectro autista costumam ser comórbidos; para fazer o diagnóstico da comorbidade de transtorno do espectro autista e deficiência intelectual, a comunicação social deve estar abaixo do esperado para o nível geral do desenvolvimento. (DSM 5 2014 p. 50 e 51).

Os critérios elencados acima são levados em consideração para chegar ao diagnóstico do autismo. Ainda de acordo com o DSM 5, existem três níveis do TEA: Nível 1; Nível 2 e Nível 3; ou como popularmente é conhecido: Nível Leve, Nível Moderado e Nível Severo. Diferentemente das edições anteriores, o DSM 5 classificou todos os tipos de autismo dentro do espectro, categorizando-os em níveis de comprometimento ou dependência para desenvolver atividades da vida comum (alimentação, cuidados básicos, estudo, trabalho, lazer). O apego à rotina entre o leve o moderado é bem acentuado, bem como déficits na comunicação também. O indivíduo no grau moderado apresenta fala verbalizada com frases simples, estranhas e de difícil compreensão. O nível 3 que é o autismo severo, pode não desenvolver a fala verbalizada, é dependente para atividades do dia a dia e tem forte apego a rotinas, conforme se vê no Quadro 3.

Quadro 3 - Níveis do TEA

NÍVEL	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMPORTAMENTOS RESTRITOS E REPETITIVOS
SEVERO	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
MODERADO	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
LEVE	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: DSM 5 (2014 p.52)

De acordo com o DSM 5 (2014), a prevalência de diagnósticos de pessoas com TEA vem aumentando em vários países, mas ainda não encontraram causas empiricamente comprovadas

Sampaio, Renata Kelly Oliveira and Farias, Gabriela Belmont de. Biblioteca escolar inclusive: análise acerca do transtorno do espectro autista. *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol.14, no.3, jul.-set. 2020. e20007. <https://doi.org/10.36311/1940-1640.2020.v14n3.10302>

para os dados apontados. Porém, é possível observar que o TEA é quatro vezes mais frequentemente diagnosticado no sexo masculino. Os fatores que também vem sendo observados para as causas do autismo são: idade parental avançada, baixo peso ao nascer, exposição fetal a ácido valproico, fatores genéticos e fisiológicos, mutação genética, taxas de concordância entre gêmeos e outras causas. Ainda de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a hipótese de relacionar o TEA a fatores que envolvem as vacinas contra sarampo, caxumba e rubéola foram descartadas, pois os estudos apresentaram falhas metodológicas. Desse modo, as pesquisas para identificar as causas do Transtorno do Espectro Autista seguem em análises (Gaiato and Teixeira 2018).

3 Biblioteca Escolar: ambiente de inclusão

A escola é um dos primeiros ambientes educativos, nela encontramos inúmeras possibilidades de agregar pessoas diferentes em suas mais diversas peculiaridades, que variam desde a situação social, regional, religiosa até a física, mental, dentre outras. A biblioteca escolar deve ser um ambiente acolhedor, que forneça informação segura, serviços informacionais de qualidade, de fácil acesso, e ainda comprometida com o público ao qual ela destina-se a servir, buscando sempre estar inteirada da tecnologia, além de zelar pelo patrimônio cultural de sua responsabilidade. A Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições (IFLA) define biblioteca escolar como sendo:

[...] A Biblioteca Escolar é um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural. Este lugar físico e digital é designado por vários termos (por exemplo, centro de media, centro de documentação e informação, biblioteca/ centro de recursos, biblioteca/ centro de aprendizagem), mas biblioteca escolar é o termo mais utilizado e aplicado às instalações e funções. (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS 2016 p.19)

Os serviços oferecidos pela biblioteca escolar, bem como o acervo e as instalações físicas, devem estar acessíveis para todos os seus usuários. Com essa vasta amplitude, muitos desafios também são encontrados, dentre eles, o da inclusão de pessoas com necessidades

especiais. A IFLA, em parceria com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) recomenda que:

[...] Os serviços das Bibliotecas Escolares devem ser oferecidos igualmente a todos os membros da comunidade escolar, a despeito de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e status profissional e social. Serviços e materiais específicos devem ser disponibilizados a pessoas não aptas ao uso dos materiais comuns da biblioteca. O acesso às coleções e aos serviços deve orientar-se nos preceitos da Declaração Universal de Direitos e Liberdade do Homem, das Nações Unidas, e não deve estar sujeito a qualquer forma de censura ideológica, política, religiosa, ou a pressões comerciais. (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS 2016 p.2).

As questões voltadas à inclusão social nas escolas é um assunto que dia após dia os multiprofissionais que estão envolvidos na Educação Escolar (bibliotecários, pedagogos, psicopedagogos, educadores físicos, nutricionistas e professores de um modo geral) se veem desafiados a refletir e requer observação, estudo e sensibilidade para ser trabalhado. Nos últimos anos, as escolas brasileiras vêm recebendo um desafio singular com um público crescente, ano após ano, de alunos com TEA. Apesar de formalmente no Brasil ainda não termos dados oficiais sobre os autistas, é possível observar a crescente procura deste público nas escolas, movimentos sociais em torno dessa causa e a visibilidade nas mídias sociais. Destacamos que o indivíduo que possui o TEA veio a ter direitos garantidos a partir de 2012 na Lei nº 12.764/12.

Sendo a biblioteca escolar uma ferramenta inserida no ambiente escolar, esse direito leva o bibliotecário a um desafio e ao mesmo tempo, a um privilégio, já que terá que compreender e desenvolver métodos adequados para atender às necessidades informacionais das crianças e adolescentes que possuem TEA. Se a biblioteca é um meio de acesso ao conhecimento ainda na infância, devemos oportunizar a cada usuário um serviço com qualidade informacional e que atenda a sua especificidade.

Junto a isso, surge também o desafio para o bibliotecário, uma vez que, como educador na biblioteca escolar ele deve estar apto a exercer, sem discriminação, um serviço especializado e de qualidade também para alunos com TEA. Uma biblioteca escolar inclusiva, que possa comportar em seu espaço físico alunos cadeirantes, com baixa visão/audição ou perda total dentre outras especificidades, requer além de dedicação, uma equipe multiprofissional para pensar a arquitetura e designer do espaço, disposição do acervo, aparato tecnológico, formação e

capacitação de pessoas etc. Tudo isso com a finalidade de tornar o conhecimento acessível a todos.

A IFLA estabelece diretrizes para a biblioteca escolar. Neste documento encontramos a missão, serviço, planejamento financeiro, o quadro de funcionários com as suas funções específicas, recursos físicos e digitais, programas e atividades da biblioteca e, alguns métodos de como fazer uma avaliação coerente e eficaz da mesma (2016). Segundo a IFLA, o bibliotecário escolar:

[...] é responsável pelo espaço de aprendizagem físico e digital da escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o ensino e a aprendizagem. Este papel é designado por vários termos (por exemplo, bibliotecário escolar, especialista em mídia da biblioteca escolar, professor bibliotecário, professores documentalistas), mas bibliotecário escolar é o termo mais comumente usado. As qualificações dos bibliotecários escolares variam em todo o mundo, havendo bibliotecários com ou sem formação de professores e bibliotecários com formação em outras especialidades de biblioteca. (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS 2016 p.30).

O bibliotecário cumpre uma função essencial no âmbito educacional, ele não é apenas coadjuvante nesse processo, mas parte indispensável na equipe pedagógica escolar. Em seu espaço de trabalho ele consegue ir além de suas atividades técnicas e, desbravar um mundo de possibilidades. Por meio do seu imaginário, alimentado por histórias encantadoras, bibliotecas se transformam em castelos encantados, florestas ganham árvores falantes, materiais recicláveis ganham vida em livros artesanais e, cada livro emprestado, é um passaporte para uma longa viagem ao mundo do conhecimento.

Se a função do bibliotecário enquanto educador na biblioteca escolar é desafiadora, quando entramos no âmbito da inclusão de usuários com TEA ela é ainda maior, pois estendemos a responsabilidade social, onde o mesmo deve estar a par das leis que regem e dão direcionamento para alunos com necessidades especiais. Sendo, assim, é importante que o profissional desenvolva um senso crítico, estando atento para as demandas que o cercam, e assuma um compromisso ético com seu trabalho, a sociedade e a educação escolar, entendendo sua relevância e influência.

[...] o surgimento das novas tecnologias, a necessidade de educação continuada e novas exigências do mercado, fez com que o profissional bibliotecário com perfil

tradicional cedesse seu espaço para o moderno profissional da informação, com conhecimentos que vão além das técnicas, para lidar com gerência de informação em vários suportes e com conhecimentos da realidade social, política e educacional. Esse é um grande desafio para os profissionais da informação. (Lima and Lima 2009 *apud*¹ Marcolino and Castro Filho 2014 p.9).

A educação continuada é uma ótima ferramenta de atualização e capacitação. Conhecer (e porque não, criarmos) novas tecnologias assistivas, como aplicativos que podem agregar conhecimento e ser ótima estratégia de inclusão. O bibliotecário escolar precisa estar conectado e atualizado, tendo a tecnologia como aliada, pois, sabendo usá-la, agregará.

Para o bibliotecário é desejável ter conhecimento sobre as deficiência ou dificuldades que afetam o processo de aprendizagem e apreensão da leitura; apreço pela leitura; competências nas áreas digitais; conhecimento na literatura infantil e infanto-juvenil; técnicas para organização, planejamento e desenvolvimento de um acervo, bem como, classificação, indexação e catalogação do acervo para melhor recuperar as informações necessárias (IFLA 2016).

O espectro autista apresenta níveis de comprometimento no desenvolvimento intelectual e na linguagem funcional. Dessa forma, é interessante o bibliotecário atentar junto à coordenação pedagógica e psicológica da escola e os pais, para o diagnóstico de cada aluno dentro do espectro com a finalidade de iniciar propostas de intervenção de leitura e atividades educativas de forma lúdica sempre que possível.

A ludicidade, ou seja, atividades que trabalham o imaginário, que estimulam a interação e aprendizado por meio do prazer e criatividade, ajuda o aluno a desenvolver habilidade emocional, cognitiva, social e motriz. As atividades para esse objetivo podem ser contações de histórias, histórias musicadas, oficinas de pinturas, teatros com fantoche, oficinas de artesanatos com materiais diversos, livros sensoriais, áudio livros dentre outros. Os recursos disponíveis nas bibliotecas, quando valorizados e utilizados adequadamente por seus gestores, podem contribuir diretamente com o processo de educação inclusiva de usuários com TEA. É possível e necessário utilizar a tecnologia em benefício da leitura e a ludicidade para essa inserção no mundo literário.

¹ LIMA, Cátia Cristina de; LIMA, Katianne de. A auto-imagem do bibliotecário versus a visão social: uma análise da valorização profissional. 2009, 82f. Monografia – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, Alagoas, 2009. Disponível em: < <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/331/307>>. Acesso em: 06 julho. 2020.

Sampaio, Renata Kelly Oliveira and Farias, Gabriela Belmont de. Biblioteca escolar inclusive: análise acerca do transtorno do espectro autista. *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol.14, no.3, jul.-set. 2020. e20007. <https://doi.org/10.36311/1940-1640.2020.v14n3.10302>

É de extrema importância o maior número possível de profissionais dispostos a trabalharem com estratégias inclusivas, tendo em vista a situação crítica em que nos encontramos atualmente, onde a demanda por tais usuários é real e constante nas escolas, mas, infelizmente as ações práticas ainda são restritas.

Portanto, o bibliotecário que compreende seu nível de importância e relevância no processo de inclusão deve ter a sensibilidade de identificar nos usuários suas principais necessidades, seguindo as recomendações da segunda lei de Raganathan “Para cada leitor, seu livro” onde é essencial:

[...] olhar cada estudante dentro do espaço escolar de formar a individualizar seus interesses e predileções para que a atividade escolar que desenvolve faça conexões com a sua vida e suas expectativas de aprendizagem. E para isto, é de extrema relevância os profissionais que atuam com esse estudante conhecerem e compreenderem as características desse transtorno para melhor saber se colocarem frente aos desafios que demandam aos que atuam diretamente com ele [...] é nesse espaço que esse estudante pode aprender com outras crianças, exercitar a sociabilidade por mais comprometida que seja e, finalmente, exercer um direito agora disponível a ele, o da educação. (Santos Diniz and Diniz 2018 p.97)

O diálogo multidisciplinar no ambiente escolar é uma estratégia que o bibliotecário, enquanto parte do processo educativo, pode explorar. Havendo possibilidades, é interessante que o bibliotecário juntamente com a equipe pedagógica e o Serviço de Orientação Educacional e Psicológica (SOEP) pensem atividades de inclusão que possam agregar os alunos com TEA e outros públicos.

A necessidade é urgente para nos conscientizarmos acerca desta problemática e das possíveis soluções que dispomos, assim como, inserir minimamente esses alunos na realidade em que vivem e, a partir disto, fazermos com que desenvolvam habilidades de leitura literária. Diante desse levantamento sobre o papel e suas atribuições do profissional envolvido com educação inclusiva, fica evidente que o bibliotecário se encaixa perfeitamente no perfil exigido por este processo educativo e inclusivo, pois o mesmo não é um agente passivo com soluções técnicas para organização apenas. Ele recebe como parte de suas atribuições na área educacional a incumbência de tentar incluir todos os alunos da escola no universo literário.

4 Metodologia

A pesquisa em questão utiliza a revisão sistemática da produção científica como percurso metodológico, que de acordo com Bento (2012 p.1) “[...] envolve localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia relacionada com a sua área de estudo; é, então, uma análise bibliográfica pormenorizada, referente aos trabalhos já publicados sobre o tema”. Ao identificar as produções científicas dentro da temática do autismo e inclusão na biblioteca escolar adotamos a análise temática para examinar os dados coletados, uma vez que buscamos congregamos o máximo de possibilidades para intervenções práticas na biblioteca escolar com os alunos com TEA. Foi realizada uma revisão da produção bibliográfica disponível sobre a temática específica, a fim de explorar o que tem sido pesquisado sobre a temática no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Após análise dos artigos da revisão da produção bibliográfica, propomos alternativas inclusivas para a inserção de alunos com TEA nas atividades da biblioteca escolar.

Por se tratar de uma revisão sistemática da produção científica da Biblioteconomia e Ciência da Informação, optamos em utilizar a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) como fonte de informação. Adotamos o recorte temporal da própria base que abrange entre os anos 1972 a 2019. Optamos pela busca por título, palavra chave e resumo em todos os descritores escolhidos. Os descritores utilizados foram: Autismo, Transtorno do Espectro Autista e a sigla TEA, Biblioteca Inclusiva e Tecnologia Assistiva. Optamos por especificar os descritores citados dando ênfase às propostas de inclusão na biblioteca escolar, para priorizar um dos termos fizemos o uso das aspas e do *AND*. A tabela 1 apresenta a amostra selecionada para a pesquisa.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, foram localizados 43 artigos, sendo 26 artigos descartados por não estarem dentro da temática da pesquisa, ou por serem artigos repetidos quando buscados por outro termo dos descritores descritos, ficando para análise 17 artigos. Analisando a Tabela 1, verifica-se que a temática de inclusão de pessoas autistas na biblioteca escolar ainda é pouco explorada, o que deixa em aberto essa temática riquíssima e necessária para pesquisas posteriores.

Tabela 1 – Relação dos descritores e artigos selecionados na BRAPCI

Descritores	Quant. de Artigos	Quant. de Artigos Descartados	Quant. de Artigos para Análise
Autismo	5	2	3
Biblioteca inclusiva	3	0	3
TEA	3	2	1
Tecnologia Assistiva	28	19	9
Transtorno do Espectro Autista	4	3	1
Total de Artigos para Análise			17

Fonte: dados da pesquisa (2019)

5 Análise e discussões dos resultados

Ao analisarmos os artigos selecionados da BRAPCI, constatou-se que apenas 10 artigos publicados são da Biblioteconomia, cinco artigos são da Ciência da Informação e um artigo da área de Ciências e Engenharia e outro da Educação. Existem pelo menos duas perspectivas para interpretar esses dados: primeira perspectiva - criticar somente; ou segunda perspectiva - olhar como oportunidade e desafio, fazendo desses dados, um fato propulsor para se debruçar e contribuir significativamente para a sociedade, com tais desenvolvimentos científicos nestas áreas da biblioteca inclusiva, autismo e tecnologia assistiva. Esperamos que a segunda opção seja efetivada. A inclusão precisa ser um ato intencional em nossas práticas e estudos, não somente discursiva.

Destacamos que o primeiro artigo disponibilizado na BRAPCI sobre autismo foi em 2009. Essa publicação é proveniente da área de ciências e engenharia, a proposta dos autores foi de apresentar como desenvolver um videogame que auxilie autistas no reconhecimento facial e emotivo das outras pessoas, ajudando-os a identificarem as emoções. Conforme discorrido anteriormente neste artigo, uma das dificuldades apresentadas por alunos com TEA é a interação social, risos ou choros inapropriados, literalidade da fala.

Com a finalidade de dar visibilidade às ações práticas sobre a inclusão no ambiente da biblioteca escolar por meio da acessibilidade das tecnologias assistivas, selecionamos as

principais atividades, ações e ferramentas disponíveis nos artigos aqui analisada que poderão ser expandidas para promover a inclusão no ambiente da biblioteca escolar.

Imagem 1 – Primeira publicação sobre Autismo na BRAPCI

The screenshot shows the BRAPCI website interface. At the top left is the BRAPCI logo. To the right are navigation links: 'home', 'sobre', and 'índices'. Below the logo is the text '[PRISMA.COM; n. 10 (2009): Especial: (Videojogos); 159-169]'. A blue button labeled 'Artigo' is on the right. The article title is 'What a Feeling: Learning Facial Expressions and Emotions'. Below the title is the author information: 'ORVALHO, Verónica; MIRANDA, José; SOUSA, Augusto'. The 'Resumo' (Abstract) describes a game designed to help individuals with autism recognize facial expressions. The 'Palavras-chave' (Keywords) section is empty. Below the abstract is a citation: 'ORVALHO, V.; MIRANDA, J.; SOUSA, A. What a feeling: learning facial expressions and emotions. Prisma.com (Portugual), n. 10, p. 159-169, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/68252>. Acesso em: 28 maio 2020.' On the right side of the article, there is a red circular icon with a white PDF symbol and a download arrow, and a Plum X Metrics logo with a purple star icon. At the bottom right, there is a small box with 'NLP' and '0.1'.

Fonte: Dados de pesquisa (2019)

As referências apresentadas na Imagem 2 evidenciam que 11 artigos, dos 17 artigos analisados, possuem ações que vem sendo realizadas na nossa área com a intenção de promover a inclusão no ambiente de informação, em diversas tipologias de bibliotecas. Nesse levantamento identificamos que é possível apreciar ideias e nos inspirarmos para torná-las reais em mais bibliotecas escolares e ambientes de informação em geral. Destacamos aqui o artigo analisado, de autoria - Storti, *et al.* de 2014, cujo título é ‘Promover a acessibilidade aos deficientes visuais e baixa visão à rede de bibliotecas da Unesp’, publicado na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 10, n. Especial. Este artigo a partir de demandas reais apresentou e criou um grupo de discussão sobre acessibilidade. As demais propostas e ações ficam como exemplo para que possamos implementar em nossos ambientes de trabalho.

Imagem 2 – Artigos com propostas inclusivas.

Exportar CSV Exportar XLS Exportar DOC

Referências

MARCOLINO, Maria Antonieta Ribeiro; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. O bibliotecário na biblioteca escolar e os usuários especiais: o desafio da inclusão. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, n. Especial, v. 10, 2014. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/1278>>. Acesso em: 28-maio-2020.

MIRANDA, Sulamita Nicolau de. Acessibilidade em bibliotecas: de Ranganathan à Agenda 2030. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, p. 1669-1683, 2017. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/2534>>. Acesso em: 28-maio-2020.

NASCIMENTO, Manuella Oliveira do; SILVA, Eliane Ferreira da. eAcessibilidade em bibliotecas: uma análise sobre disponibilidade, direito e limitações do acesso à informação na web.. *Bibliocanto*, n. 1, v. 1 n. 1, p. 45-67, 2015. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/120247>>. Acesso em: 28-maio-2020.

OLIVEIRA, Gabriella Domingos de; SILVA, Eliane Ferreira da. Bibliotecas e Bibliotecários em busca da acessibilidade. *Bibliocanto*, n. 1, v. 1 n. 1, p. 68-86, 2015. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/120235>>. Acesso em: 28-maio-2020.

ORVALHO, Verônica; MIRANDA, José; SOUSA, Augusto. What a Feeling: Learning Facial Expressions and Emotions. *Prisma.com (Portugual)*, n. 10, p. 159-169, 2009. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/68252>>. Acesso em: 28-maio-2020.

SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nobile. A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, n. 1, v. 23, p. 92-106, 2018. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/76009>>. Acesso em: 28-maio-2020.

SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nobile; FERNANDES, Ediclea Mascarenhas. Acessibilidade informacional para usuários com transtorno de espectro autista na biblioteca. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, p. 1863-1882, 2017. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/4337>>. Acesso em: 28-maio-2020.

SOUZA, Osvaldo de; TABOSA, Hamilton Rodrigues. Estudo sobre contribuição da Ciência da Informação em pesquisas sobre Tecnologias Assistivas. *Comunicação & Informação*, n. 1, v. 21, p. 70-88, 2018. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/67501>>. Acesso em: 28-maio-2020.

STORTI, V.R.; ALMEIDA, S.M. de; OTTONI, B.L.; FANTIN, V.M.S.R.. Promover a acessibilidade aos deficientes visuais e baixa visão à rede de bibliotecas da UNESP. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, n. Especial, v. 10, 2014. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/4497>>. Acesso em: 28-maio-2020.

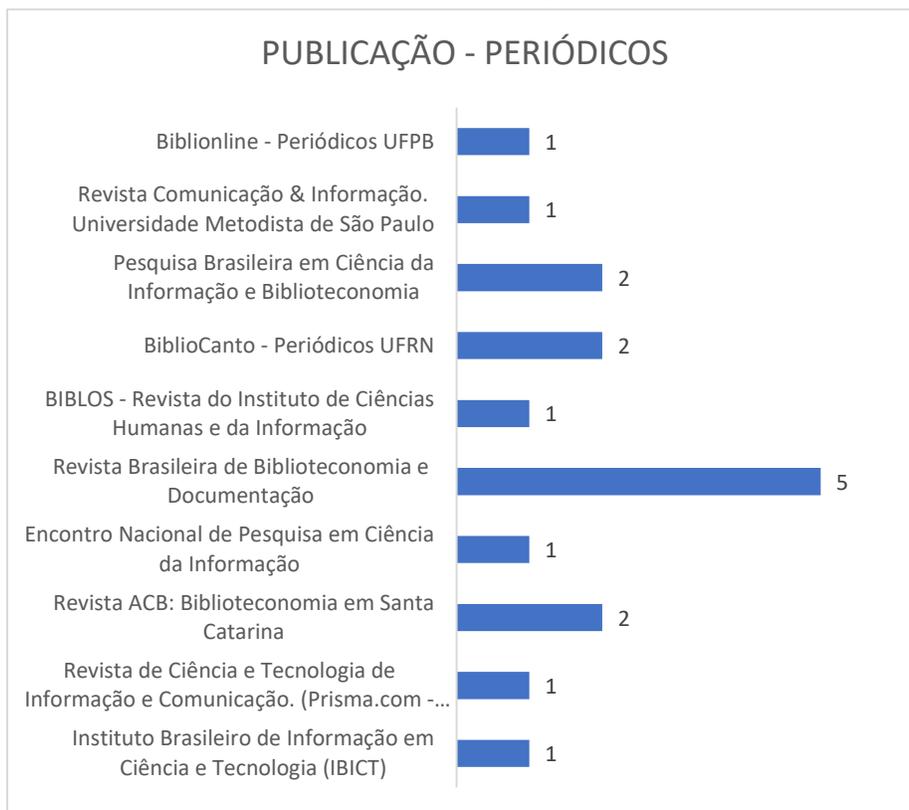
WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. Reflexões sobre o currículo funcional/natural e o PECS-Adaptado no processo de inclusão do aluno com autismo. *Inclusão Social*, n. 2, v. 10, 2017. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/72558>>. Acesso em: 28-maio-2020.

WELlichan, Danielle Silva Pinheiro; MANZINI, Eduardo José. A tecnologia assistiva em bibliotecas públicas: uma abordagem preliminar sobre sua importância e contribuição para usuários com deficiência. *Biblionline*, n. 4, v. 14, p. 83-90, 2018. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/109080>>. Acesso em: 28-maio-2020.

Fonte: Dados de pesquisa (2019)

É unânime a constatação entre todos os autores dos 17 artigos aqui analisados, sobre a baixa produtividade da Biblioteconomia e a Ciência da Informação sobre a temática – Inclusão no ambiente da biblioteca escolar dos alunos com TEA e o uso efetivo das tecnologias assistivas.

No Gráfico 1 é apresentado o quantitativo de publicação de artigos nos periódicos. Constatamos que a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBDD) é o periódico que possui o maior número de artigos publicados, tendo o total de cinco artigos, sendo três publicados em 2014 e dois publicados em 2017.

Gráfico 1 – Número de publicações por Periódico

Fonte: Dados de pesquisa (2019)

Destacamos ainda no artigo de autoria de Valle; Saldanha, publicado em 2019 nos Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, no qual o título é ‘(des)informação em saúde: o autismo no espelho da classificação’. Os autores alertam sobre a necessidade da Ciência da Informação se tornar agente importante na compreensão dos fenômenos informacionais no campo do autismo, especialmente em relação à organização e à representação do conhecimento.

Após a análise dos artigos citados foi possível elaborar uma série de alternativas inclusivas para a inserção de alunos com TEA nas atividades da biblioteca escolar, as quais serão apresentadas a seguir.

6 Alternativas inclusivas para a inserção de alunos com TEA na Biblioteca Escolar

A efetivação de uma biblioteca inclusiva requer esforço e sensibilidade contínua do bibliotecário, pois, quando este compreende seu papel e reconhece sua influência na sociedade, está sempre reinventando e criando possibilidades em sua prática laboral. Na biblioteca escolar não é diferente, faz-se necessário ter uma visão crítica dos processos envolvidos no âmbito educacional e, fazer uso da educação continuada.

Como contribuição para a temática aqui exposta, propomos alternativas inclusivas para a inserção de alunos com TEA nas atividades da biblioteca escolar, conforme encontradas ao longo das leituras realizadas nos artigos analisados nesta pesquisa. A primeira proposta é referente ao uso da tecnologia assistiva por meio de aplicativos que vem sendo usado no nosso país e em outros lugares do mundo. Elencamos abaixo alguns aplicativos que podem auxiliar em três categorias: organização da rotina, apoio à comunicação e apoio às atividades pedagógicas. Ressaltamos que, após análise dos sites - Inspirados pelo Autismo e incrível.club, chegamos nas opções apresentadas no Quadro 4.

Como observado no Quadro 4, existem alguns aplicativos que podem ser utilizados como tecnologia assistiva nas escolas que dispuserem de computadores, tablets ou outros aparelhos tecnológicos e internet, bem como uma alternativa para capacitar os pais e responsáveis, com intuito de utilizarem em casa com a finalidade de reduzir alguns impactos do TEA nas crianças e, estimulando os quesitos de interação, sociabilidade e cognição.

Uma observação importante, as tecnologias assistivas, a exemplo desses aplicativos citados acima, possuem uma finalidade clara com princípios educativos de aperfeiçoamento e de levar a criança a compreender minimamente alguns temas relevantes para a sua faixa etária. Logo, o recomendado é que crianças estejam acompanhadas por adultos durante essas atividades e, didaticamente, lhes sejam explicados o que ela está fazendo.

Quadro 4 - Aplicativos para pessoas com TEA

Categorias	Aplicativos
ORGANIZAÇÃO DA ROTINA	<ul style="list-style-type: none"> - First Then -Primeiro e depois (iPhone e iPod touch) - Minha rotina especial (App Store e disponível para iPad)
APOIO À COMUNICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Tobii Sono Flex (iPad e iPhone e tablets com sistema operacional Android) - Livox (iPad e iPhone e tablets com sistema operacional Android) - Matraquinha (compatível com Android) - PictoTEA (compatível com Android) - Brainy Mouse (App Store e Android) - Terapia da Linguagem e Cognição com MITA (compatível com Android)
APOIO ÀS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS	<ul style="list-style-type: none"> - Story Creator – Criador de histórias (iPhone, iPad e iPod touch) - Desenhe e Aprenda a Escrever ((iPhone, iPad) - ABC Autismo (compatível com Android) - Aprendendo com Biel e seus amigos (compatível com Android) - Auts (compatível com Android) - Jade autismo (compatível com Android)

Fonte: Dados de pesquisa (2019).

Outro recurso que pode ser utilizado para propiciar a inclusão na biblioteca escolar são os livros sensoriais. Eles podem ser produzidos ou comprados em diversos materiais tais como, e.v.a, feltro, tnt, cartolina, tecido, madeira etc. É comum que as pessoas com TEA tenham hiposensibilidade (não tenham muita noção do perigo, podem gostar de abraçarem constantemente as pessoas, ou não se importarem quando sujam parte do corpo); hipersensibilidade (seletividade alimentar, a etiqueta da roupa ou tipo de tecido pode causar grande incômodo), atividades sensoriais são reguladoras desses extremos.

A música também é uma grande aliada para inclusão desses alunos, enquanto recurso de ludicidade para uma contação de história cantada, por exemplo, é uma ótima ferramenta. A fonética das palavras durante uma mediação de leitura também atrai esse público. A leitura em voz alta é um recurso muitas das vezes esquecido, mas o hábito de ler em voz alta com

entonações corretas, respeitando a fonética das letras é um grande aliado para uma bela contação de história ou leitura mediada.

Ainda sobre a biblioteca escolar, é imprescindível que o espaço físico dela seja convidativo e adequado para receber todos os usuários. Como as pessoas autistas costumam ser literais e atraídas pelo contato visual, é interessante sinalizar a biblioteca com um quadro de rotinas, onde será exposto o horário de funcionamento da biblioteca, bem como do início das aulas, recreio/intervalo e término das aulas. Caso algum aluno esteja utilizando a biblioteca dentro do horário de aula, ficará mais fácil apontar para algo concreto como um organizador de rotina e fazê-lo entender que ele está descumprindo os horários da escola, caso não tenha sido autorizada a sua saída de sala.

Entendemos que tem muitas outras possibilidades de ações inclusivas no ambiente da biblioteca escolar, entretanto, deixamos registradas essas iniciativas a fim de estimular a criatividade de cada um para novas ações.

7 Conclusão

Nessa pesquisa buscamos identificar as publicações, relacionadas à inclusão de crianças com transtorno do espectro autista na biblioteca escolar, produzidas pela Biblioteconomia e Ciência da Informação. Desse modo, tivemos como finalidade investigar publicações recuperadas na Base de Dados em Ciência da Informação sobre os seguintes temas - Autismo, TEA, Transtorno do Espectro Autista, Biblioteca Inclusiva e Tecnologia Assistiva. Levamos em consideração a delimitação do ambiente, biblioteca escolar e também a delimitação temporal da própria base, na tentativa de recuperar o máximo possível de publicações sobre essa temática.

Conforme o objetivo destacado ao longo deste trabalho, a análise realizada na literatura científica voltada às ações de inclusão na biblioteca escolar como também o transtorno do espectro autista, identificamos possibilidades de atuação inclusiva do bibliotecário com esses sujeitos informacionais. Identificando ações inclusivas em ambientes educacionais ao aluno com TEA; descrevemos o papel da biblioteca escolar na inclusão educacional; caracterizamos a

atuação bibliotecária no aspecto da inclusão e propomos ações práticas de atuação bibliotecárias voltadas para alunos com TEA.

A partir desta pesquisa podemos sugerir como pesquisas futuras um estudo de caso aplicado ao ambiente de biblioteca escolar, para analisar a inclusão de alunos autistas na biblioteca. É possível ainda expandir uma pesquisa de revisão bibliográfica na literatura de outros países e outras bases de dados; investigar a existência de programas de pós-graduação voltados para ações de intervenção com autistas no ambiente escolar; fazer um levantamento curricular nos cursos de Biblioteconomia do nosso país a fim de identificar disciplinas voltadas à inclusão e capacitação de futuros bibliotecários dentre outras temáticas relacionadas à inclusão e TEA.

Conforme os dados coletados, identificamos que, na base de dados analisada, há um déficit nas publicações de artigos e trabalhos científicos na área sobre a temática. Logo, essa temática pode ser um campo em aberto para futuras pesquisas e apontamentos. Esse trabalho pretendeu suscitar interesse na temática e exploração da mesma, tendo em vista que os dados comprovaram que é um campo em aberto para futuras pesquisas. A educação continuada e a interdisciplinaridade são caminhos que temos que percorrer para alcançar com eficácia o desafio da inclusão.

Referências

- Bento, António V. “Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas”. Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira), vol. 7, no. 65, mai. 2012, pp. 42-44.
- Brasil. Decreto nº 6.949, de 25 de Agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.
- Brasil. Lei n.º 13.861, de 18 de julho de 2019. Institui as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nos censos demográficos, e altera o art. 17 da Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989. Brasília, DF, 2019.
- Brasil. Lei n.º 12.764, de 27 de novembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 2012.
-
- Sampaio, Renata Kelly Oliveira and Farias, Gabriela Belmont de. Biblioteca escolar inclusive: análise acerca do transtorno do espectro autista. *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol.14, no.3, jul.-set. 2020. e20007. <https://doi.org/10.36311/1940-1640.2020.v14n3.10302>

- Brasil. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 25 mai. 2010.
- Brasil. Portaria nº555, de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007. Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- Centers for Disease Control and Prevention. *Increase in Developmental Disabilities Among Children in the United States*. 2018. Disponível em: <https://www.cdc.gov/ncbddd/developmentaldisabilities/features/increase-in-developmental-disabilities.html>. Acessado 19 jun. 2019.
- Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10; Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Artes Médicas, 1997.
- Cunha, E. *Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2016.
- Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5. 5 ed. American Psychiatric Association, 2014.
- Ferrari, Pierre. *Autismo Infantil: o que é e como tratar*. Paulinas, 2007.
- Gaiato, Mayra and Teixeira, Gustavo. *O Reizinho Autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis*. Versos, 2018.
- International Federation of Library Associations. *Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar*. 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acessado 19 jun. 2019.
- Klin, Ami. “Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol. 28, supl. 1, mai. 2006, pp. 3-11.
- Marcolino, M. A. R. and Castro Filho, C. M. “O bibliotecário na biblioteca escolar e os usuários especiais: o desafio da inclusão.” *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, vol. 10, n. Especial, 2014.
- Santos, M. P. and Diniz, C. N. “A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar.” *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, vol. 23, no. 1, 2018, pp. 92-106.
- Storti, V. R. et al. “Promover a acessibilidade aos deficientes visuais e baixa visão à rede de bibliotecas da Unesp”. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 10, no. Especial, 2014.

Surian, Luca. *Autismo: Informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde*. Paulinas, 2010.

Copyright: © 2020 Sampaio, Renata Kelly Oliveira and Farias, Gabriela Belmont de. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Received: 01/06/2020

Accepted: 21/08/2020